

Capítulo 16

Conversando sobre internet com adolescentes: O despertar da primavera na escola

Juliana Tassara Berni

Márcio Rimet Nobre

Nádia Laguárdia de Lima

Daniela Teixeira Dutra Viola

Vanina Costa Dias

Helena Greco Lisita

Paula Melgaço

Cândida Rosa da Silva

Natália Fernandes Kelles

Luiz Henrique de Carvalho Teixeira

Isadora Del Vecchio

Introdução

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão teórica sobre uma intervenção realizada no âmbito do projeto de pesquisa *Conversação na escola: adolescentes e redes sociais*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho foi realizado com adolescentes, estudantes de uma escola pública de Belo Horizonte, tendo como tema o uso das redes sociais pelos jovens.

O objetivo do projeto consiste em, não apenas investigar os modos como os adolescentes fazem uso dos dispositivos tecnológicos para acessar os meandros da realidade virtual, mas, sobretudo, criar espaços dialógicos que possibilitem o surgimento de questionamentos e de reflexão entre eles. Trata-se de uma aposta que parte da perspectiva de acreditarmos na possibilidade de que os próprios jovens, quando convidados a falar diante da oferta de uma escuta vinda de um lugar diferenciado, passem a se interrogar e a refletir sobre seus posicionamentos no âmbito do ciberespaço. Com esse intuito, lançamos mão da metodologia de conversação de orientação psicanalítica juntos aos grupos a serem acompanhados.

A demanda e a metodologia

Para a abordagem da escola em foco, a demanda surgiu em função dos problemas advindos do uso “excessivo” e “inadequado” – conforme expresso nas queixas da instituição - que os adolescentes faziam das redes sociais virtuais, dentro e fora do ambiente escolar. Esta inadequação muitas vezes deveu-se ao fato de os adolescentes exporem os docentes, a instituição e a si mesmos na internet. Em tal contexto, tanto os pais quanto os professores se queixavam da perda de controle diante da grande constância no uso dos alunos que, de diferentes formas, relutavam em se desconectar de seus *gadgets*.

Conforme observamos com bastante frequência, as medidas adotadas pela escola eram voltadas apenas para o reforço do próprio controle, como a proibição ou restrição do uso dos dispositivos tecnológicos em seu espaço físico. No entanto, apesar dessas medidas os alunos continuavam utilizando intensamente, fosse em sala de aula ou nos demais recintos internos da escola, o que se deve sobretudo ao fácil acesso e portabilidade dos *smartphones* em qualquer ambiente.

No que diz respeito à metodologia, em sua proposição inicial a conversação vem constituir uma modalidade de pesquisa-intervenção criada por Jacques-Alain Miller no Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant (CIEN), na França, primeiramente como método clínico, mas que

posteriormente teve seu emprego ampliado também para o âmbito da pesquisa. Esta técnica vem, cada vez mais, se mostrando uma possibilidade de intervenção bastante valorosa no ambiente escolar não apenas na aplicação com alunos, mas também com docentes e pais.

Na nossa prática, cada processo de conversação é conduzido por um psicólogo que age como moderador ou animador do grupo, sendo acompanhado por um aluno da graduação em Psicologia, responsável pelo registro escrito dos encontros. Nessa condução, os moderadores operam a partir de um lugar de não saber, buscando sempre provocar a fala do outro, de modo a permitir a emergência dos significantes privilegiados nos discursos dos adolescentes.

Essa atitude, característica da abordagem psicanalítica, propicia o surgimento da transferência que ocupa um lugar fundamental no trabalho de conversação, operando um laço com o significante. O deslizamento dos significantes na associação livre e coletivizada permite desfazer identificações alienantes, abrindo possibilidades para novas identificações. A metodologia de conversação pode, portanto, ser compreendida como uma associação livre coletivizada em que ocorre a oferta do lugar para o surgimento da palavra, que circula horizontalmente no grupo.

No caso em tela os encontros com os grupos ocorreram semanalmente em horário pré-estabelecido pela escola. Assim, guiados por uma escuta do inconsciente, buscamos dar voz aos sujeitos visando conhecer, além de seus modos de uso das redes sociais, os impasses que vivenciavam nas relações com o Outro por meio das tecnologias digitais. Mesmo na experiência em grupo, a ideia foi propiciar que algo da dimensão subjetiva aflorasse, o que justificou o emprego de uma técnica que opera a partir da associação livre coletivizada.

Nesse espírito, buscamos também localizar possíveis pontos de mal-estar próprios a cada adolescente, no que respeita ao modo como cada um se posiciona em relação ao uso das redes sociais virtuais. Assim, depreendemos um processo com características próprias a cada grupo, além de ser possível vislumbrar os efeitos sobre cada um dos sujeitos participantes.

O despertar para o real do sexo

Para a psicanálise, a adolescência se encontra no cruzamento das dimensões biológica, que tem como marco as transformações da puberdade, e social, que implica na extrapolação dos limites do lar parental. Em seus reajustes próprios a este período, a subjetividade estará marcada justamente pelo modo como o adolescente se divide entre as reivindicações de satisfação pulsional advindas de seu próprio corpo e as exigências culturais que a sociedade estabelece.

Conforme sabemos desde Freud (1905/1996), a puberdade invade o sujeito e o afeta de maneira definitiva no campo psíquico. A adolescência é então marcada por um intenso trabalho neste campo, no qual o jovem deve poder se demorar. Nesse tempo lógico da vida, o sujeito deve se inserir de modo mais amplo na vida social e, de alguma forma, precisa desligar-se da autoridade dos pais. Assim, Nasio (2011) define a adolescência como uma *neurose de crescimento*, não pelo sentido patológico do termo, mas por seu componente ao mesmo tempo problemático e promissor.

A partir da leitura feita por Lacan em *Prefácio a 'O despertar da primavera'* (2003b), uma das poucas referências do autor com relação a este período, alguns autores irão apresentar a ideia de que a adolescência possa ser vista como um sintoma por ser uma resposta ao real que se apresenta no corpo, tendo a puberdade como conjuntura. Nesse breve texto, Lacan havia retomado a ideia apresentada por Freud nos *Três Ensaios...* (1905/1996) da adolescência como momento do reencontro com o objeto, quando o sujeito passa a mover-se pelas novas exigências inerentes às mudanças percebidas em seu próprio corpo. Em tal contexto, este reencontro torna-se inadiável e o sujeito se depara com o próprio real do corpo, em que a sexualidade faz “furo no real” (LACAN, 2003b, p. 558).

Stevens (1998) coloca que a puberdade é o momento em que o sujeito é confrontado da forma mais crua possível com a constatação de uma impossibilidade estrutural a partir do encontro com o real do sexo. A adolescência seria, então, a resposta que vem preencher esse conjunto vazio interposto para o sujeito diante do impacto causado pela não-rela-

ção sexual, proposição que Lacan inaugura em *O aturrito* (1973/2003a) e que alcança valor conceitual durante seu último ensino.

Assim, enquanto resposta única e particular, a adolescência pode ser tomada como um sintoma decorrente da puberdade. No mesmo sentido, Lacadée (2011) também destaca que, neste momento, trata-se de uma resposta particular para cada um. Cada sujeito tem um tempo próprio para a invenção de um saber possível diante da invasão que a puberdade representa.

Do ponto de vista social, a adolescência também pode ser vista como um período de transição entre a infância e a idade adulta. Trata-se de uma fase em que o sujeito já não é mais criança, mas ainda não alcançou os mesmos direitos e deveres de um adulto. Nessa passagem de um espaço social a outro, ele pode se sentir deslocado, sem lugar, visto que se encontra em uma zona intermediária, não sendo ainda permitido o seu pleno acesso ao mundo adulto.

O singular na conversação

É exatamente nessa encruzilhada que se encontra Lucas⁴², um adolescente de 13 anos que participa de um dos grupos acompanhados no projeto. Lucas foi direcionado a participar do grupo por apresentar várias “dificuldades escolares”. Mesmo sendo aluno repetente, ele continua apresentando notas baixas. Além disso, tem comportamento agressivo, ofendendo colegas, desafiando professores e frequentemente se envolvendo em brigas.

No primeiro encontro, os adolescentes são convidados a falar sobre o que gostam de fazer na internet ou no computador. Lucas revela que gosta muito de videogame. Conta para o grupo sobre as maravilhas de poder construir seu próprio mundo, erigindo, do nada, uma casa, plantações ou o que quer que sua imaginação possa criar. No entanto, quando perguntado sobre o porquê de jogar tanto, ele responde que é porque fica sozinho e não tem o que fazer. A psicóloga da escola havia

42 Todos os nomes mencionados nesse trabalho são fictícios.

relatado que Lucas mora sozinho com a mãe e que, desde o primeiro ano do ensino fundamental, costuma ficar em casa desacompanhado até que a mãe chegue do trabalho.

Questionados sobre a hipótese de deixarem de ter acesso à internet ou a videogames, Lucas e seus colegas falam, com satisfação, das brincadeiras que ainda fazem e que estão fora da esfera virtual. Assim, citam brinquedos e jogos tradicionais, como carrinho, polícia e ladrão, queimada, paredão.

Quando questionados sobre as redes sociais, todos os integrantes do grupo dizem estar inseridos em pelo menos algumas delas. Lucas está em todas. Se o saber escolar não parece lhe despertar interesse, ele demonstra ter domínio sobre o saber tecnológico. Com muita propriedade, explica como usar as redes, como se proteger contra contatos maliciosos e diz conhecer todos os recôncavos da internet, de Snapchat à Deepweeb⁴³.

No entanto, parece que o confronto com a falta no Outro o angustia. Qualquer “coisa retardada” dita por algum colega convoca Lucas à agressividade. Ele esbraveja: “Ha ha ha! ‘diqueweeb’.. Não sabe nem falar”. Nomeia os colegas de “idiotas”, “inúteis”, “viadinhos”, etc. Lucas não perde nenhuma oportunidade de ofender os colegas, gerando grande tensão no grupo.

Se a relação do adolescente com o saber acontece pela via transferencial, e Freud destaca aí a importância da figura do mestre no momento em que a autoridade do par parental declina (1905/1996), o movimento que Lucas faz é o de apontar, a todo momento, que o rei está nu, destituindo os professores, assim como os pais, de todo o saber que poderia lhe ser transmitido. Assim, diz ele:

Os professores não querem trabalhar. A professora de geografia só fica de costas escrevendo no quadro ou mexendo no celular. Eles falam pra

⁴³ *Snapchat* é um aplicativo de troca de mensagens cujo diferencial é o curto tempo de exposição das mensagens. *Deepweb* é o conteúdo exposto na internet que não é indexado pelos mecanismos de busca padrão, ou seja, a *surface web*.

gente não fazer uma coisa, mas eles mesmos vão lá e fazem. É tipo nossa mãe.

Como mencionado, o trabalho de conversação, por sua fundamentação psicanalítica, baseia-se na abertura do espaço para a voz dos sujeitos envolvidos no processo, o que põe relevo no singular. Do ponto de vista do animador, portanto, não se trata de criticar meramente a escola, mas sim de “oferecer uma chance” (LACADÉE, 1999/2000) ao discurso do aluno. Seja como for, no entanto, o caráter afetivo da transmissão fica evidente em outra fala de Lucas:

Quando o professor é escroto e não escuta o que a gente fala, nem adianta. Pode passar exercício que a gente não faz mesmo. Entra por um ouvido e sai pelo outro. E não tem a ver com o tanto de matéria ou ser difícil. É porque o cara é escroto mesmo. O professor de matemática, por exemplo, dá matéria pra caralho, mas ele é legal, ele conversa com a gente na boa. Aí todo mundo estuda.

E, dirigindo-se à animadora da conversação, conclui:

Você, por exemplo, quando você chegou e falou que a gente não podia jogar truço, eu pensei: “Nó, vai ser paia”, mas aí não. Você conversa com a gente, escuta o que a gente fala. É mó legal.

O desejo de ser escutado, patente na fala de Lucas, faz com que ele participe ativamente dos encontros, dando suas opiniões, compartilhando experiências e, com alguma ajuda das intervenções da animadora da conversação, escutando os colegas e até aprendendo com eles. Num dos encontros, foi combinado que os adolescentes deveriam levar seus videogames para mostrar os jogos preferidos. Durante a conversação, Lucas condena fortemente a forma de seu colega jogar, no entanto, no fim da atividade ele reconhece: “Cara, eu falei que desse seu jeito ia dar errado, mas deu certo. Foi bom que eu até aprendi com você. Valeu!”

Santiago (2008) nos adverte de que o trabalho da conversação na escola tem como desafio incluir a dimensão pulsional, a alteridade no lugar do ideal pedagógico e intervir nos impasses escolares a fim de “permitir um movimento sobre o que se cristaliza como impossível e como sintoma” (SANTIAGO, 2008, p. 9). Num dos grupos acompanhados pelos pesquisadores, um dos temas mais trazidos pelos adolescentes foi a dificuldade que enfrentavam diante das transformações da puberdade e do encontro com o real do sexo.

Assim, com o passar dos encontros, outras questões foram surgindo, especialmente as relativas a sexualidade. As diferenças entre os gêneros, orientação sexual, namoro, sexo, masturbação, foram elementos trazidos pelo grupo ainda que ao falar de desenhos animados de “zoação” que assistiam no Youtube. No entanto, a associação livre os levou, em seguida, a falar de seus medos, o que apareceu no discurso como: medo de escuro, de dormir com a porta aberta, de dormir com os pés pra fora do lençol, das roupas penduradas no armário quando está escuro, medo do barulho dos gatos no telhado. E Lucas arremata: “quando eu sinto muito medo, eu acendo a luz e abraço meu touro de pelúcia”.

Esse percurso evidencia a encruzilhada paradoxal na qual se insere a adolescência: meninos que brincam de carrinho, namoram, aprendem sobre a sexualidade na internet e sentem medo de escuro. Para Freud (1905/1996), a adolescência é o momento no qual o sujeito deve se separar da autoridade dos pais. Nessa altura, o jovem consuma uma escolha de objeto e sua vida sexual entra em processo de amadurecimento. No entanto, nos alerta Freud, o jovem, que até então não encontrava outro lugar para esse amadurecimento que não fosse pela via da fantasia, começa a se aventurar nas parcerias da vida amorosa.

Os temas relativos a namoro e sexualidade começam a ser trazidos com mais frequência pelos adolescentes do grupo. Alguns contam que namoram e falam sobre a reação dos pais quanto a isto. Enquanto alguns pais parecem tentar cercear os encontros amorosos dos filhos, outros têm outras preocupações. Assim, explica Lucas:

Minha mãe só preocupa de eu usar camisinha. Eu não sei por que ela preocupa com isso. Eu já falei

“mãe, eu tenho doze⁴⁴ anos, eu sou uma criança, como que vai rolar isso?” Eu não vou fazer sexo com a menina...

Outra adolescente, Alice também fala das preocupações da mãe: “Ela sabe que eu namoro e não está nem aí. Mas ela me explica toda hora que tem que usar camisinha porque ela é enfermeira e trabalha com essas coisas”. Mas, enquanto Alice fala com orgulho sobre o saber que lhe transmite a mãe enfermeira, Lucas parece denunciar o abandono em que se encontra ao dizer que, para sua mãe, nada importa desde que ele use camisinha, não lhe trazendo transtorno maior.

O amor também aparece no discurso dos adolescentes. Ciúmes, intrigas, provocações, traição e rompimentos são abordados. E Lucas conclui: “Amor é briga e volta, briga e volta...”. É impossível não perceber um envolvimento amoroso entre Alice e Lucas. Os dois estão sempre juntos, ora dividindo fones de ouvido, ora se provocando mutuamente, num “briga e volta” que não deixa dúvidas.

A travessia adolescente e a era digital

No caminho do desenvolvimento libidinal, as pulsões que eram, outrora, autoeróticas passam a se dirigir ao objeto sexual tornando necessário que o sujeito tome o outro como objeto (FREUD, 1905/1996). Durante a puberdade, o enredamento dessa tarefa está no encontro com a não-relação sexual. Para Lacadée, a grande dificuldade da adolescência advém do fato de que, diante do encontro com este real, o sujeito continuar se situando num discurso que até ali o estabelecia. Neste sentido, atribui à adolescência a qualidade de ser “a mais delicada das transições” (2011, p.33). No despertar da primavera rumo à vida adulta o adolescente precisa, então, construir uma certa elaboração, um certo saber que lhe permita lançar-se na aventura amorosa.

44 Lucas completou treze anos durante o semestre no qual o grupo ocorreu. No momento mencionado, ainda tinha doze anos.

Mas, se a travessia adolescente implica num desenlace da autoridade parental para o estabelecimento de novos laços, como fazê-lo quando o laço com o Outro parece precário e marcado pelo abandono, como nos aponta Lucas?

Na era digital, o saber que antes era depositado nos adultos, ou seja, os educadores – tomando-se também os pais a partir desse lugar –, agora pode ser acessado com uma simples visita a internet. “O saber está no bolso, não é mais o objeto do Outro” (MILLER, 2015). Assim, o que vemos nos dias de hoje afigura-se como uma “autoerótica do saber” em contraposição a uma erótica do saber que passava pela relação com o Outro.

Os adolescentes se veem, então, hipnotizados pela tela do computador. Jogos eletrônicos, vídeos do Youtube ou do Facebook vêm tamponar o vazio dando a ilusão de que são eles quem gozam. No entanto, efetivamente, a tela os devolve de novo e de novo à solidão, promovendo um apagamento do sujeito.

Mas esse movimento não seria justamente uma tentativa de fazer consistir um outro? Se, na infância, há um Outro consistente, que organiza, orienta e ampara o sujeito, a adolescência é marcada por uma inconsistência da instância alteritária. A queda dos ideais e o declínio do peso simbólico característico da adolescência acabam por empurrar o sujeito ao abandono, tornando necessário que ele próprio se ocupe em encontrar um sentido para sua vida. A adolescência é, então, o momento no qual o sujeito recebe a notícia de que o Outro não existe.

É preciso fazer existir um Outro, dar-lhe consistência. Nesse sentido, Lacadée aponta que as janelas do computador são “a janela para a verdadeira vida, em outro lugar, longe de sua família” (LACADÉE, 2011, p. 32). O movimento do adolescente no mundo virtual, de site em site, de clique em clique, pode indicar não uma recusa do Outro, mas uma tentativa de lhe dar consistência, como um outro onipotente, que tem resposta pra tudo (MENA, 2015). Assim, enquanto Moritz, personagem de Wedekind (1891) na peça *O despertar da primavera*, revira as enciclopédias “de A a Z” na tentativa de responder a pergunta sobre o real do sexo, é no Google que os adolescentes de hoje buscam essa

resposta. No entanto, “nenhuma palavra convém ao que se modifica no corpo do adolescente e no encontro com o Outro sexo” (LACADÉE, 2011, p. 75), pois o gozo⁴⁵ com o qual o adolescente se encontra é de impossível tradução.

No penúltimo encontro, dia em que os componentes do grupo realizavam uma festa de despedida, Lucas chega perto de Alice e diz “I love you”. Ela ri em tom de zombaria e responde: “Olha isso que o Lucas tá falando!”. Ele também ri e sai da sala pra beber água. Algum tempo depois, ele e Alice dividiam o fone de ouvido. Lucas, repentinamente, tem um acesso de agressividade, acusa a colega de ter estragado seu fone de ouvido, arranca o fone do ouvido dela dizendo que ela já tinha estragado um outro e que não aceitaria mais isso. Então, atira uma carteira no chão e sai de sala.

A animadora da conversação vai até ele e pergunta o que aconteceu. Ele dá a explicação do fone de ouvido. Ela diz: “Estou vendo que você está muito chateado, não acredito que seja só por isso. Me diga, o que foi?”. Ao que ele responde: “Você não vai querer saber”. Depois aceita falar e diz que está apaixonado, mas que é por outra menina, diz que sofre muito por isso. Tentou falar com a menina, mas não conseguiu. O problema é que ela não lhe dá atenção. Ele diz não saber o que fazer. E conclui: “Adolescência é muito difícil”. Lucas era, ali, seu touro de pelúcia.

Calligaris (2000) aponta para o fato de que o adolescente pode lançar mão de comportamentos violentos na busca do reconhecimento do Outro. Passando as tardes sozinho em casa sem o amparo de um adulto, Lucas localiza na menina que elegeu como objeto de amor o mesmo despreço que encontra na mãe. Da mesma maneira, conclui, de

45 Nos textos *A significação do falo* (1958) e *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), Lacan se dedica ao conceito de gozo, que diferencia tanto do “Lust” freudiano (prazer ou desejo), como do conceito de satisfação. É no *Seminário 20* (1972-73), entretanto, que, dessa concepção mais ampla de gozo, passa a diferenciar duas novas acepções: o gozo fálico, limitado pelo significante; e o gozo do Outro, que vai além do falo e, portanto, não atende nem às leis do princípio do prazer, nem aos cuidados da autoconservação. Neste último, também compreendido como gozo feminino, Lacan aponta para algo da contemporaneidade, na medida em que assinala a rarefação do simbólico e a inconsistência do Outro.

antemão, que a animadora da conversação também não se interessaria pelo que ele poderia ter a dizer.

Considerações finais

Vemos que a oferta da palavra feita aos adolescentes durante as conversações, nos permite localizar os diferentes usos que eles fazem das tecnologias digitais. Alguns grupos demonstram evidente preferência por jogos virtuais, outros, pelas redes sociais. De qualquer forma, em todos os grupos, a discussão sobre a inserção dos jovens na internet propicia o surgimento de temas diversos, tais como sexo, encontros amorosos, relações familiares, fama, dinheiro, transgressões, entre outros. Tal fato mostra que o uso que cada adolescente faz das redes sociais virtuais aponta para o desejo de cada um, para suas fantasias, conflitos, e, em última instância, para as tentativas de elaboração de um saber possível sobre o impossível da relação sexual.

Lacadée (2011) aconselha aqueles que trabalham com adolescentes a se orientarem pelo terceiro tempo do Édipo, em que o pai diz sim, fazendo surgir uma surpresa na troca com o Outro. Acreditamos que, na conversação, ao dar voz ao sujeito oferecendo-lhe um “sim”, podemos contribuir para que o jovem abra as portas em direção a “significação do desejo e da existência” (LACADÉE, 2011, p. 81). Nessa abertura, o adolescente pode, também, se questionar e refletir acerca do gozo que experimenta no novo *locus* para a subjetividade surgido na contemporaneidade, ou seja, a esfera do ciberespaço. E, se há algo de impossível tradução no encontro do adolescente com o gozo, quando Lucas enuncia “não saber o que fazer”, podemos pensar que esse enunciado já é uma tradução possível para seu mal-estar, como uma “surpresa” que se apresenta no encontro com o Outro.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: transformações da puberdade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905).

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACADÉE, P. **Le pari de la conversation**. In: LACADÉE, P., MONIER, F. (orgs). CIEN Centre interdisciplinaire sur l'Enfant, Institut du Champs Freudien: Paris, 1999/2000, brochure.

LACAN, J. O aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a. p. 448-497.

LACAN, J. Prefácio à O despertar da primavera. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b. p. 557-559.

MENA, L. O adolescente, o objeto e o Outro. **@gente Digital**, Revista de Psicanálise. Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Bahia, nº10, ano 4, 2015. Disponível em: <http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/010/005_luiz_mena.html>. Acessado em: 10 de abril de 2016.

MILLER, J-A. **Em direção à adolescência**. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança, 10 de junho de 2015.

NASIO, J-D. **Como agir com um adolescente difícil?** Um livro para pais e profissionais (Trad. André Tellés). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANTIAGO, A. L. **O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa intervenção na área de psicanálise e educação**. Pesquisa-intervenção na infância e adolescência. Rio de Janeiro: NAU Editora /FAPERJ, 2008, p. 113-131.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. Clínica do contemporâneo. **Revista Curinga**, Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas, 2004, nº 20, p.27-39.

WEDEKIND, F. **L'Éveil du printemps**. Paris: Gallimard, 1891.

